

OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:
DESAFIOS AO CONHECIMENTO
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO
HUMANA E PROFISSIONAL
E DESAFIOS DA SOCIEDADE
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E
CIÊNCIA NA MADEIRA



QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES
JOSÉ
EDUARDO
FRANCO
E CRISTINA
TRINDADE

COORDENADORES
JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE

OS AUTORES

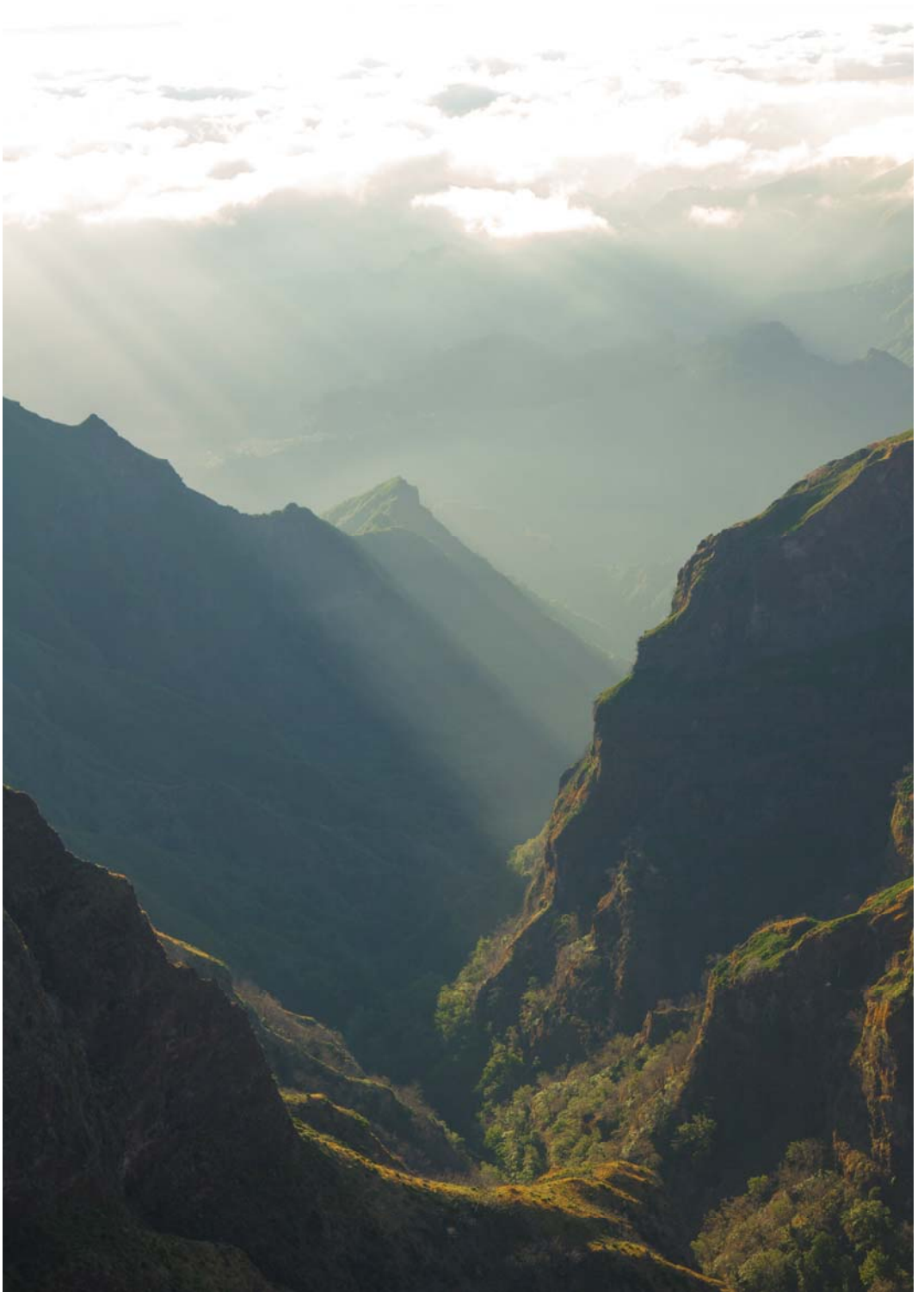
Alberto Vieira
Aline Bazenga
Ana Cristina Trindade
Ana Londral
Annabela Rita
Carla Lucas
Carlos Valente
Catarina Faria
Cristina Coelho
Cristina Trindade
Custódia Drumond
Daniela Marcheschi
Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira
Guilherme Silva
Isabel Santa Clara
Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho
João David Pinto Correia
João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco
José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves
Luís Machado de Abreu
Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares
Marc Augé
Miguel Sequeira
Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues
Raimundo Quintal
Rui Carita
Simão Silva
Teresa Norton Dias
Thierry Proença
Thomas Dellinger
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'
apoiado pelo programa Intervir +
www.aprenderamadeira.net



CLEPUL
Centro de Literaturas
e Culturas Lusófonas
e Europeias
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',
apoiado pelo programa 'Intervir +' www.aprendermadeira.net

TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?
História, Cultura e Ciência na Madeira

COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

DESIGN DA CAPA

DesignGlow

FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande
Apartado 52199
1721-501 Lisboa

www.esferadocaos.pt

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516
9020-152 Funchal

www.apca-madeira.org

QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO
E CRISTINA TRINDADE


ESFERA DO CAOS
EDITORES


AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Psicologia na Madeira

Luísa Soares, Catarina Faria, Cristina Coelho,
Filipa Oliveira e Carla Lucas

Universidade da Madeira

Em todo o mundo, as perturbações mentais são a causa de uma média de 31% dos anos vividos com incapacidade, valor que chega a índices ao redor de 40% na Europa. Segundo o estudo *The Global Burden of Disease* realizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e por investigadores da Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard, utilizando como medida o número de anos perdidos por incapacidade ou morte prematura, situações como as perturbações depressivas e as doenças cardiovasculares estão rapidamente a substituir as doenças infecto-contagiosas. Embora as perturbações mentais causem pouco mais de 1% das mortes, mais de 12% da incapacidade por doenças em geral, a nível mundial, deve-se a estas perturbações (este número cresce para 24% na Europa). Das 10 principais causas de incapacidade, cinco são perturbações psiquiátricas¹.

Os dados em Portugal e na Madeira sobre a prevalência dos problemas de saúde mental em Portugal, de acordo com o Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016, são escassos. No entanto, os dados existentes sugerem que esta não se afastará muito da encontrada nos países europeus com características semelhantes, embora os grupos mais vulneráveis (mulheres, pobres e idosos) pareçam apresentar risco mais elevado em Portugal do que no resto da Europa.

O estudo Eurobarómetro (2003), ao analisar uma população de 16.000 indivíduos residentes em 15 países europeus, encontrou uma prevalência de casos psiquiátricos positivos em Portugal de 29,8% (média europeia – 23,4%). Os dados do Eurobarómetro para 2010 indicam que a proporção dos portugueses que tomaram antidepressivos nos últimos 12 meses foi mais elevada do que a média da EU (15% para 7%).

¹ Organização Mundial da Saúde, Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), *Saúde Mental: Nova concepção, nova esperança*, Relatório sobre a Saúde no Mundo, 2011.

A promoção da saúde mental é um desafio colocado nos dias de hoje à sociedade portuguesa, e em particular à sociedade madeirense, na qual o número de pessoas idosas tem aumentado exponencialmente. Os idosos são um grupo muito vulnerável do ponto de vista da saúde mental. Na Região Autónoma da Madeira no ano 2001, 13,8% da população tinha mais de 65 anos. Num estudo realizado por Isabel Fragoeiro² com 342 pessoas entre os 65 e os 89 anos, cerca de 9% tinham sintomas indicativos de depressão e 3% estavam em *distress* psicológico. Em 2004 foi realizado por Freitas um estudo sobre a prevalência da depressão na Ilha da Madeira, tendo sido obtida uma prevalência de sintomas depressivos de 7,52% em 505 pré-adolescentes e adolescentes da população escolar do 3º ciclo do Funchal.

Segundo os dados disponíveis sobre o suicídio relativos a 2009, a Madeira foi a região do país onde se verificaram mais suicídios. Estes dados foram apresentados nas Jornadas de Enfermagem e de Saúde Mental em Setembro de 2013, no Funchal. Em 2012 existiram 496 tentativas de suicídio, sendo que, em 92% dos casos, estava associado a intoxicação voluntária. Nas tentativas de suicídio, a média de idades foi de 35 anos, sendo a idade mais baixa a de 12 anos. A maioria das pessoas trabalhava no sector terciário e era casada. Existe atualmente um aumento das perturbações mentais na faixa etária entre os 15 e os 30 anos.

Porque é importante conhecer estes dados? Sabe-se que sem um conhecimento mais objetivo das realidades pessoais, bem como dos fatores ambientais que condicionam a saúde mental, assim como das necessidades das pessoas e famílias em matéria de cuidados de saúde e sociais não é possível planear serviços de suporte ou prever respostas ajustadas na prestação de cuidados. Estes são dados que merecem a atenção de todos, em especial dos que trabalham nas diferentes áreas do saber científico, e que procuram compreender fenómenos, analisá-los e sugerir soluções empiricamente validadas. Para uma população de 260 mil habitantes, estes parecem-nos valores demasiado altos e indicadores de desequilíbrio emocional e mental.

O que tem sido feito? No passado, os serviços de saúde mental estiveram durante muito tempo centrados em grandes instituições

² Isabel Fragoeiro, *A saúde mental das pessoas idosas na RAM*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Porto, 2008.

psiquiátricas, separadas do sistema geral de saúde. Desde 1992, a maioria dos serviços de saúde mental foram integrados no Sistema Nacional de Saúde. Também existe um crescente investimento na base comunitária dos serviços.

No que se refere aos avanços científicos, eles vieram, com efeito, possibilitar o desenvolvimento de um amplo leque de intervenções altamente efetivas no tratamento e reabilitação da maioria das perturbações psiquiátricas. Novos tratamentos psicofarmacológicos e psicoterapêuticos demonstraram amplamente a sua efetividade. As perturbações psicóticas, que no passado condenavam muitas pessoas a longos períodos no hospital e a altos níveis de incapacidade, passaram, na maioria dos casos, a poder ser manejadas na comunidade. Programas de reabilitação psicossocial, incluindo treino de competências sociais, intervenções familiares psicoeducacionais, apoios nas áreas residencial e do emprego, tornaram possível a reintegração social de muitas pessoas que sofrem de doenças mentais graves.

A nível escolar, os serviços de psicologia e orientação criados pelo Decreto-Lei n.º 190/91 distribuem-se por três eixos de intervenção: o apoio psicológico e/ou psicopedagógico, a orientação vocacional e o apoio ao sistema de relações da comunidade educativa. O Conselho da Europa em 2004 salientou o papel preventivo dos serviços de orientação e psicologia no sentido de evitar o abandono escolar e o contributo por eles prestado para habilitar os cidadãos a gerirem a sua aprendizagem e as suas carreiras, bem como para a reintegração daqueles que abandonaram prematuramente a escola em programas adequados de educação e formação.

Porque é que o trabalho do psicólogo é importante?

De acordo com o Relatório de evidência científica sobre custo-efetividade de intervenções psicológicas em cuidados de saúde, da Ordem dos Psicólogos Portugueses, verifica-se que 10 a 20% das pessoas que recorrem aos cuidados de saúde primários fazem-no por queixas relacionadas com perturbação psicológica. Os outros 80%, por vezes estão associados a um conjunto de doenças físicas que tem como factor essencial o comportamento da pessoa como o tabagismo e o sedentarismo. O crescimento dos problemas de saúde mental e física traduz-se num aumento da utilização de recursos de saúde, consumo de medicamentos, absentismo laboral e redução da produtividade dos cidadãos. Os estudos

desenvolvidos apontam para a efetividade e potencial da intervenção psicológica na melhoria do estado de saúde da pessoa e na redução dos custos diretos (número de consultas, número de dias de internamento, consumo de fármacos) e indiretos (absentismo, encargos do Estado com os benefícios fiscais e menor produtividade). A intervenção psicológica permite uma poupança de cerca de 20 a 30% nos custos diretos da saúde, através da redução da utilização dos cuidados de saúde (OPP, 2011). A título de exemplo, e a nível dos nascimentos de bebés prematuros, verifica-se que a intervenção precoce (estimulação sensorial precoce) permite um aumento mais rápido do peso e da alta hospitalar cerca de 5 a 6 dias mais cedo o que permite uma elevada poupança por bebé (OPP, 2011). No contexto escolar, estudantes que realizam orientação vocacional nos serviços de psicologia da escola são aqueles que têm menos dificuldades de tomada de decisão em relação aos colegas³.

Para uma população de cerca de 260.000 pessoas, quantos utentes nas casas de saúde?

Na Casa de Saúde Câmara Pestana (destinada ao internamento de mulheres com perturbações mentais graves), estima-se que estejam internadas cerca de 350 pessoas. Na Casa de Saúde de São João de Deus (destinada ao internamento de homens com perturbações mentais graves) estima-se que estejam internadas 292 pessoas (enquadradas em vários programas: psiquiatria aguda, psiquiatria crónica, reabilitação psicossocial e alcoologia)⁴.

Sabemos que os estudos sobre genética têm uma preferência especial pelas pessoas que vivem em ilhas, justamente pelo problema da consanguinidade. Alguns estudos apontam até para a maior probabilidade de ocorrerem problemas mentais em pessoas que vivem ilhas: há pouco estimulação intelectual, pouco contacto com culturas alternativas à sua, etc.⁵

³ C. Freitas, A. Rocha, L. Pocinho, J. Beirão, P. Caldeira da Silva, *Symptoms in preadolescents and adolescents in Funchal, (Madeira Island – Portugal): a prevalence study*, Poster 016-263 apresentado no XVI Congresso da IACA-PAP, Berlim, 2004.

⁴ Fonte: <http://www.dnoticias.pt/actualidade/madeira/374108-casa-de-saude-sao-joao-de-deus-investe-dois-milhoes-na-unidade-de-psiquia>

⁵ P. Sklar, M. T. Pato, A. Kirby *et alii*, “Genome-wide scan in Portuguese Island families identifies 5q31-5q35 as a susceptibility locus for schizophrenia and psychosis”, *Molecular Psychiatry*, 9, 2004, pp. 213-218.

No nosso contexto atual, e para além destas probabilidades, adiciona-se factores como uma população sem experiência democrática, no que diz respeito à rotatividade do poder, e com muito baixo nível de literacia. Para além de uma dívida financeira enorme para com as gerações futuras, um nível de cidadania baixo, desemprego, ausência de perspectivas futuras, e enorme pobreza, contrastando este cenário com uma oferta turística de luxo. A psicologia ajuda neste cenário? Sim, em especial ajuda a encontrar o melhor de cada um e a colocar esse melhor em prol do todo comum. Ajuda a encontrar o melhor de cada um dos habitantes da Madeira, é isso que se faz em consultório clínico. Se nos sentimos equilibrados mentalmente, sentimo-nos capazes de fazer uma contribuição para a nossa comunidade, de funcionar bem em família, de trabalhar bem em equipa, de educar crianças e transformá-las em adultos equilibrados e produtivos que contribuam para uma sociedade melhor no futuro.

Quando há desequilíbrios mentais sabemos que o potencial de contribuição para a sociedade desse ser humano é comprometido (baixas médicas no trabalho, práticas educativas desadequadas, famílias disfuncionais, etc). As pessoas que consultam um psicólogo são mais felizes, menos stressadas, mais equilibradas na gestão do seu tempo e na distribuição dos seus diferentes papéis, trazem mais harmonia para o seu local de trabalho.

Na Região Autónoma da Madeira os psicólogos distribuem-se por diferentes contextos, nomeadamente Centros de saúde e hospitais (61 psicólogos), Direcção Regional de Educação (44 psicólogos), Escolas profissionais, Casas de Saúde, Lares de Idosos, Centros sociais e paroquiais, Centros de reabilitação, Centro de segurança social, Centros de explicação, Centros de Apoio Psicopedagógico, Instituto de emprego, Instituto Prisional, Ginásios Privados, Equipas desportivas, Serviço de Prevenção à Toxicodependência, Centro de Atividades Ocupacionais, Clínicas Privadas, Comissão de Protecção de Crianças de Jovens, Universidade.

Curiosamente, Portugal apresenta a maior taxa de formação de psicólogos da Europa. Em matéria de recursos humanos, o Departamento de Saúde Mental regional tem técnicos em número superior à média nacional por habitante, o que muito melhorou a acessibilidade da população aos cuidados de saúde. Somos até considerada uma comuni-

dade de luxo, a nível nacional, no que a isto se refere, devido à vasta equipa de psicólogos que temos nos centros de saúde disponível para a comunidade. A nível nacional não se verifica esta facilidade em aceder a psicólogos nos serviços de saúde públicos. Mas isto não chega... É preciso promover um sentimento de autoeficácia e, mediante isto, a saúde mental.

Há um sentimento de autoeficácia em cada ser humano, que é construído desde criança e que continua até à 3.^a idade. Este tem de ser continuamente estimulado ao longo do ciclo vital: a sensação de nos sabermos capazes, competentes nalguma coisa é muito importante. Começa quando somos bebés e descobrimos os sons e o palrear antes de descobrir as primeiras palavras, as primeiras frases e os primeiros parágrafos, e continua pelo ciclo de vida fora, com a entrada no mundo do trabalho e o sentimento de contribuição para a comunidade envolvente. Por exemplo, todos nós já nos deparámos com um dilema que é, fazer ou não fazer, os trabalhos de casa dos filhos. Muitos pais fazem os próprios trabalhos, ou indicam as respostas aos filhos, para que eles pareçam bem na escola, em vez de incentivar a procura de várias soluções, de incentivar a descoberta por si próprio. Começa aqui a tomada de consciência sobre a construção desta sensação de autoeficácia e a criatividade na procura de soluções. Se eu construo uma ideia de mim próprio de que não sou capaz, porque outros fizeram por mim o que me cabia, estamos a criar adultos para funcionarem em esquemas de sobrevivência, em vez de contribuírem ativamente, para a sua comunidade com o seu talento, que é único, porque cada um traz consigo uma história de vida única, com um talento associado.